

ARTIGO

Transviado também faz revolução! Um olhar maquiaveliano sobre a Revolta de Stonewall

Rafael Carrano Lelis¹

Como citar este artigo: LELIS, Rafael Carrano. Transviado também faz revolução! Um olhar maquiaveliano sobre a Revolta de Stonewall. **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 4, n. 2, e15170. ISSN: 2525-8036.

Resumo: o trabalho conduz uma análise sobre a Revolta de Stonewall, investigando seu acontecimento, impacto e desdobramentos. Nesse sentido, questionam-se quais fatores levaram à tamanha efetividade do episódio de Stonewall, considerando tanto a própria revolta, quanto suas repercussões históricas. Desse modo, a partir da técnica de revisão bibliográfica e de uma abordagem reconstrutivista, realiza-se a reconstrução do evento histórico a partir de fontes secundárias. Simultaneamente, a partir de referências teóricas fornecidas pela obra de Nicolau Maquiavel, os fatos históricos são analisados, na tentativa de compreensão das características singulares que possibilitaram sua ocorrência e efetividade. Por fim, conclui-se que foi a conjugação de elementos específicos de força, virtú e fortuna e temporalidade que revestiu a revolta de tamanha importância, tornando-a um marco na história do movimento LGBTI+ mundial.

Palavras-chave: Revolta de Stonewall; Movimento LGBTI+; Nicolau Maquiavel.

Recebido em 07.09.2019

Aprovado em 31.12.2019

Publicado em 31.12.2019

1 INTRODUÇÃO

Em diversos países, hoje, gays e lésbicas podem se casar. E adotar filhos. Pessoas trans podem alterar seu nome e gênero de registro de nascimento, independentemente de procedimento judicial ou de realização de qualquer intervenção cirúrgica. E também não necessitam de qualquer laudo médico para isso. Todos esses são direitos que foram conquistados. E com muito esforço. Uma luta travada durante décadas por esse grupo de

¹ Mestrando em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com bolsa da CAPES. E-mail: rafael.carrano.lelis@gmail.com.

pessoas hoje designadas como lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo, dentre outras identidades (LGBTI+).

Trata-se de uma revolução em processo. Ainda inacabada. Apesar do enfrentamento constante e potente do povo transviado², ainda há pelo menos 68 países que criminalizam relações homossexuais (ILGA; MENDOS, 2019) e uma série de outros que punem práticas que afetam diretamente a população trans e não binária, como o chamado *cross-dressing* (ILGA *et al*, 2017).

No entanto, se em muitos espaços essas pessoas recebem hoje um tratamento digno e têm a possibilidade de exigir a efetivação de direitos dentro do quadro de inteligibilidade oficial (em um paradigma estatal), há sempre que se lembrar que isso se deve à luta real promovida por pessoas em um contexto no qual estavam completamente excluídas de qualquer reconhecimento ou compreensão enquanto sujeitos. Confronto cuja continuidade é necessária para a transposição completa desses indivíduos da zona do não-ser para a zona do ser (FANON, 2008), em todo o globo.

Em meio a esse processo de luta e enfrentamento, um evento costuma receber especial destaque, em momentos até sendo definido miticamente como o princípio fundante do movimento LGBTI+: a revolta ocorrida no bar *Stonewall Inn*, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, iniciada na madrugada entre os dias 27 e 28 de junho de 1969. Nesse contexto, o presente trabalho se desenvolve na tentativa de compreender quais fatores levaram a essa tamanha efetividade do episódio de *Stonewall*, tanto nos acontecimentos daquela noite, quanto em sua caracterização enquanto evento histórico.

Para tanto, por meio de uma abordagem reconstrutivista, os fatos históricos serão recuperados a partir de fontes secundárias – especialmente revisão da historiografia especializada – para que possa ser empreendida uma leitura dos acontecimentos, apoiada na lente teórica dos escritos de Nicolau Maquiavel. Com ênfase para as obras *O Príncipe* e *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, além de serem trazidos aportes da interpretação feita por Antonio Negri de ambos os livros.

São os diversos olhares possíveis sobre os escritos maquiavelianos que possibilitam a retirada dessa correlação que, à primeira vista, pode parecer incompatível e anacrônica. Desse modo, serão articulados pontos específicos da obra do autor florentino, adaptados à realidade

² O emprego do termo “transviado” neste trabalho se dá na linha do sugerido por (BENTO, 2017, p. 249). Sua utilização procura remeter às diversas identidades desviantes dos gêneros e sexualidades hegemônicas, sem a necessidade de estabelecimento de uma identidade específica (o substituto lusófono, ainda que artificial, para o termo *queer*), algo que parece especialmente propício a este trabalho, tendo em vista a ainda pouco desenvolvida diferenciação de determinadas identidades em 1969. Procura-se manter a utilização dos termos identitários variável e fluída no decorrer do texto, com uma inspiração comedida nos escritos de (VIDARTE, 2019).

dos eventos a serem examinados. Nesse sentido, o trabalho se divide, para fins didáticos (eis que todos os conceitos abordados possuem uma interligação quase que inseparável no quadro maquiaveliano), em três tópicos compreendidos como essenciais no pensamento de Maquiavel e também imprescindíveis para a percepção da efetividade da Revolta de *Stonewall*. A reflexão teórica vai se estabelecendo à medida que os acontecimentos são reconstruídos.

Sendo assim, em um primeiro momento, aborda-se a importância das armas, da força e da violência nos eventos daquela noite. Em seguida, foca-se no papel crucial operado tanto pela *virtú*, quanto pela fortuna, no momento de combate e nas ações posteriores ao enfrentamento. Por fim, ressalta-se a importância do tempo no desencadeamento dos eventos daquela madrugada.

2 A POTÊNCIA DAS ARMAS E A FORÇA DA RESISTÊNCIA

Em 1969, a cidade de Nova York já dava traços de seu espírito cosmopolita, marcada pela efervescência cultural. Suas ruas povoadas ofereciam a rara possibilidade de anonimato, atraindo um grande número de pessoas LGBTI+ para seus arredores. Mas, mesmo lá, a violência sofrida pelas pessoas que desafiavam os padrões de gênero e sexualidade não era menos intensa.

O estado de Nova York, assim como a quase totalidade dos demais nos Estados Unidos, ainda criminalizava relações homossexuais consentidas entre adultos. As chamadas leis de sodomia somente seriam completamente banidas em todo o território estadunidense em 2003, a partir de julgamento realizado pela Suprema Corte no caso *Lawrence v. Texas* (NUSSBAUM, 2010, p. 61-89).

Embora a violência fosse generalizada, gays, lésbicas, bis e trans sofriam, sobretudo, com a repressão policial, engajada na perseguição desses indivíduos, ainda quando ausentes requisitos legais, seguindo um padrão em todo o país (LOUGHERY, 1998, p. 180-81). Como há muito alertado por Benjamin (1996, p. 242-43), a violência policial atuava criando, e não meramente aplicando, a lei. Estabelecendo punições conforme seus próprios critérios morais.

De acordo com a legislação de controle do fornecimento de bebidas alcoólicas vigente em Nova York, a licença para venda de bebidas não poderia ser concedida a bares onde houvesse “desordem”. Durante boa parte da década de 1960, a previsão foi interpretada para enquadrar como “desordem” a mera presença de gays no local (CAIN, 2000, p. 83),

impossibilitando a abertura, dentro da legalidade, de qualquer estabelecimento voltado para esse público já marginalizado.

Contudo, diante de diversas ações de protesto, organizadas por uma entidade local, a autoridade responsável se viu obrigada a alterar sua política de concessão de licenças, no ano de 1966. Na ocasião, os atos consistiram no comparecimento de diversos ativistas a diferentes bares da cidade, apresentando-se como gays antes de pedir sua bebida e ameaçando processos caso não fossem servidos pelo medo de perda da licença do bar. No ano subsequente, uma decisão da corte de apelações do estado de Nova York reforçou a questão, afirmando o direito de congregação de pessoas gays e declarando que sua presença não era motivo suficiente para enquadrar o espaço de encontro como desordenado (CAIN, 2000, p. 84-85).

Não obstante, os estabelecimentos frequentados por pessoas LGBTI+ continuavam sofrendo diariamente com o assédio e brutalidade de policiais, que criavam barreiras fáticas à subsistência de bares voltados a esses indivíduos, apesar da permissão garantida pela corte (CAIN, 2000, p. 85). Assim, os poucos espaços de socialização encontrados por transviados eram, em geral, bares controlados pela máfia, que subornava as forças policiais para manter os locais abertos, como era o caso de *Stonewall Inn* (HIRSHMAN, 2012, p. 97).

O próprio *Stonewall* era um ambiente extremamente sujo e malcuidado, cuja ausência de investimento em estrutura era proposital para a ampliação dos lucros auferidos pela máfia. Desse modo, o local não possuía, nem mesmo, água corrente para a lavagem dos copos, o que, em muitos casos, levava à proliferação de doenças, como epidemias de hepatite (DUBERMAN, 1993, p. 332). Da mesma maneira, as bebidas servidas eram superfaturadas e frequentemente adulteradas e misturadas com água para aumentar o lucro. Entretanto, o bar localizado em Greenwich Village, coração gay de Nova York, era um dos únicos lugares onde pessoas LGBTI+ encontravam conforto em meio a seus pares e podiam dançar e ter momentos de lazer, que permitiam uma fuga momentânea da repressão constante em suas vidas (HIRSHMAN, 2012, p. 95-96). Ainda que longe da atmosfera ideal, até esse precário refúgio somente se matinha devido ao pagamento regular de propina à polícia realizado pela máfia (DUBERMAN, 1993, p. 338).

Rotineiramente, os policiais avisavam antes de realizarem as batidas no bar, para que não houvesse surpresas. Nas batidas, confiscavam bebidas, prendiam pessoas sem documentos de identificação e, muitas das vezes, pessoas trans e *drag queens* (ainda que documentadas). Isso porque a prática de *cross-dressing* era crime no estado de Nova York, o que ocasionava a prisão de pessoas que não estivessem utilizando pelo menos três peças de roupas compatíveis com seu gênero de registro. Fato que, com frequência, levava à

humilhação de *drags* e pessoas trans que eram obrigadas a se despir para comprovar a utilização das três peças exigidas pela lei em vigor. As aparições policiais tomavam lugar sempre no início da noite, para que o bar pudesse seguir com seu funcionamento madrugada adentro (STONEWALL, 2010).

Se essas repressões realizadas pela polícia não costumavam encontrar resistência, elas também não esperavam qualquer reação, uma vez que viam transviados como fracos e não-reativos. Todavia, na madrugada do dia 27 para o dia 28 de junho de 1969, essa expectativa seria quebrada. Eis que recorremos ao primeiro paradigma maquiaveliano na análise da eficácia do evento ocorrido em *Stonewall Inn* e das consequências dele advindas: a importância depositada por Maquiavel (2007; 2010) no uso das armas, aqui interpretadas como o emprego da força e da violência como mecanismos de defesa e conquista.

Nesse sentido, em *O Príncipe*, Maquiavel (2010, p. 86) destaca que boas armas, ao lado de boas leis, seriam elementos basilares para a manutenção de qualquer Estado. Igualmente, aponta a superioridade daqueles que possuem as armas: “de fato, entre o armado e o desarmado não há nenhuma proporção, e não é razoável que quem esteja armado obedeça de bom grado ao desarmado” (MAQUIAVEL, 2010, p. 95). O autor florentino possuía grande crença no poder das armas e na potência da força e da violência na conquista e manutenção do poder, como ressalta na passagem “todos os profetas armados vencem, ao passo que os desarmados se arruinam” (MAQUIAVEL, 2010, p. 64). Na mesma linha, realça o fato que, diante da ausência de armas próprias, fica-se totalmente à mercê da fortuna, não sendo a *virtú* suficiente para superar os obstáculos (MAQUIAVEL, 2010, p. 94). Assim, é necessária a união entre prudência e armas (MAQUIAVEL, 2007, p. 78).

Traduzindo a ideia de armas em força, Maquiavel (2010, p. 104-05) frisa a complementariedade entre leis e força (não mais leis e armas) enquanto “matrizes de combate”. Como as leis são, com frequência, insuficientes, é preciso que se recorra à força para o combate efetivo, motivo pelo qual o príncipe precisaria se valer tanto de seu lado humano (leis), quanto animal (força). Nessa linha, Negri (2015, p. 42) aponta a força como a síntese entre prudência e armas na composição da verdade maquiaveliana, posicionando, também, as armas como figuras absolutas na composição do principado no pensamento de Maquiavel (NEGRI, 2015, p. 57).

No entanto, na linha de Negri (2015), propõe-se uma interpretação radicalmente democrática dos escritos maquiavelianos. Assim, ainda que não tão evidente no pensamento

do autor, as armas são entendidas como ferramentas da multidão³ (armas do povo) no conflito da desunião, onde o povo tenta se libertar da dominação, em busca da liberdade. É o que aconteceu em *Stonewall* e uma das lentes pela qual podemos compreender sua efetividade. Nesse sentido, a desunião maquiaveliana entre plebe e senado, cujo produto é a liberdade (MAQUIAVEL, 2007, p. 22), apresenta-se aqui de forma mais aguda na luta entre travestis, bixas e sapatas contra o próprio Estado, cujo único resultado aceitável é a recuperação da liberdade negada às pessoas LGBTI+.

Naquela noite de junho de 1969, o povo transviado, frequentemente subjugado pelo Estado (atuando por meio da polícia), rompeu com esse ciclo de exploração, buscando a garantia de sua liberdade, por meio do uso da força e da violência. Produziu-se um princípio de liberdade a partir do confronto entre o povo transviado, oprimido, e a polícia do Estado, representante dos poderosos (MAQUIAVEL, 2010, p. 77), responsáveis pela criminalização de suas existências. Desse modo, quando os cerca de oito policiais apareceram no bar aquela noite, para sua batida já usual, encontraram um clima inesperado. De início, a resistência se deu de forma comedida: algumas pessoas se negaram a apresentar suas identidades; outras resistiram às tentativas de prisão realizadas pelos agentes; travestis e *drags* se recusaram a serem levadas para os banheiros para serem examinadas. Ao invés de se afugentarem com a presença da força policial e se dispersarem, como era usual, as pessoas LGBTI+ se mantiveram em seus lugares (HIRSHMAN, 2012, p. 99).

No entanto, quando os policiais intensificaram suas investidas violentas, receberam uma resposta à altura. Os transviados que estavam no bar, em quantidade imensamente maior que os agentes da força policial, começaram a reagir, também, com violência. Em um primeiro momento, lançaram moedas, e o que conseguiam encontrar no chão, contra os policiais. À medida que o confronto se acentuou, arremessaram tijolos e coquetéis molotov improvisados. A reação violenta (e inesperada) obrigou os oficiais a se abrigarem dentro do bar e a criarem barricadas para impedir a entrada da multidão que se voltava contra eles (STONEWALL, 2010).

O ativista Jim Fouratt, que estava presente naquela noite, ressalta que a manifestação violenta era necessária para superar o estereótipo dos homossexuais como fracos, sensíveis e vulneráveis, pois essa seria a única linguagem que os “porcos”⁴ compreenderiam (HIRSHMAN, 2012, p. 95). Durante algumas horas, os policiais sentiram o mesmo medo que eles diariamente infligiam aos transviados. O comandante das forças policiais naquela noite,

³ Acerca da noção de multidão enquanto sujeito da potência ver (NEGRI, 2015, p. 316-37).

⁴ O termo *pigs* (porcos) em inglês é utilizado como uma forma pejorativa de referência a agentes policiais.

Seymour Pine, destacou que, embora já houvesse estado em situações de combate antes, nunca havia se sentido tão aterrorizado como naquela noite. Os policiais estavam presos no bar e a multidão havia tomado conta das ruas (DUBERMAN, 1993, p. 363).

Em suma, é possível sintetizar aquela noite como uma das maiores expressões de violência da multidão LGBTI+ em resposta à repressão policial. O que, sob um paradigma maquiaveliano, ajuda a compreender a efetividade dessa rebelião, uma vez que a força se constitui como elemento essencial na produção de mutações, na conquista frente a outros povos e no reequilíbrio face à desunião. Algo que justifica, por exemplo, a maior visibilidade de *Stonewall* em comparação à batida policial no baile de ano novo, em janeiro de 1965, na cidade de São Francisco (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 730).

Contudo, a força apenas pode ser caracterizada como *um* dos fatores que contribuíram para a efetividade e repercussão do fenômeno de *Stonewall*, eis que não foi o primeiro com emprego de violência pelas pessoas LGBTI+, algo que já havia ocorrido na *Compton's Cafeteria*, também em São Francisco, em 1966 (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 732). Por isso, as seções seguintes destacam outros fatores essenciais que contribuíram, sob a ótica maquiaveliana, para o sucesso da Revolta de *Stonewall*.

3 A VIRTÚ COLETIVA E A FORTUNA MODELADA

Se a violência teve um papel crucial no desenrolar dos acontecimentos analisados, tal função está diretamente conectada à apropriação virtuosa da força e dos elementos da fortuna. No pensamento maquiaveliano, mostra-se crucial a compreensão das dimensões da *virtú* e da fortuna. O paralelo entre vontade/ação humana e vontade/ação da natureza. Nesse sentido, no paradigma do autor, nem uma, nem outra vontade são responsáveis, de forma exclusiva, pelo desencadeamento de eventos e pelo sucesso ou fracasso. Assim, Maquiavel (2010, p. 131-34) destaca que ambas atuariam com igual peso na determinação das ações, sendo justamente o desequilíbrio entre *virtú* e fortuna que permitiria a definição de rumos específicos. Eis que, ausente a *virtú* para aplacar a potência da fortuna, ter-se-ia um cenário de plena determinação pela fortuna. Em contraste, podendo ocorrer de a fortuna se posicionar no mesmo sentido em que a vontade humana pretenda, criando intervalos de grande prosperidade pela união de *virtú* e fortuna (MAQUIAVEL, 2007, p. 183).

Naquela ocasião, a *virtú* se apresentou de forma coletiva. Ainda que hoje seja de extrema importância destacar o protagonismo de lideranças trans e não-brancas, como Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson, no movimento da época, impedindo sua invisibilização na

construção da resistência LGBTI+ (A MORTE, 2017); naquela noite, a multidão pareceu agir sem qualquer coordenação.

Nesse sentido, Craig Rodwell, conhecida figura do movimento LGBTI+ da época, também presente em *Stonewall* no dia da revolta, destacou que vários fatos aconteceram de forma simultânea, não tendo como se singularizar um ato ou uma pessoa em algo que foi a expressão de uma raiva da multidão (DUBERMAN, 1993, p. 361). A conquista da liberdade pela ira (VIDARTE, 2019, p. 128). Desse modo, destaca-se que o princípio da revolta não esteve na *virtú* individual, mas sim no sujeito coletivo da multidão e sua multiplicidade de composições. A falta de liderança foi interpretada, inclusive, como a potencialidade de formação de uma nova forma de ativismo e organização do movimento, a partir de uma estrutura mais horizontal e igualitária (DUBERMAN, 1993, p. 379). Assim, refletia o povo sua superioridade virtuosa frente ao príncipe, que prevalece, também, em momentos irrefreados (MAQUIAVEL, 2007, p. 171).

Em *Stonewall*, a repressão acumulada, diante violência policial constante, constituiu a potência do povo transviado, que virtuosamente se valeu da fortuna para produzir uma reação efetiva naquela madrugada. No livro II dos *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, Maquiavel (2007, p. 181-85) confere especial proeminência à *virtú* e sua prudência frente à inevitável fortuna. E é justamente essa *virtú* que permitiu que as armas se utilizassem de forma potente pelo sujeito coletivo no embate com os policiais. A *virtú* passa a ser agente da efetividade do corpo coletivo, que se materializa em ato, produzindo, a partir da potência, a liberdade dos transviados antes subjugados pela dominação (NEGRI, 2015, p. 75-79).

Conforme destaca Negri (2015, p. 81), Maquiavel parece distinguir dois momentos de expressão da *virtú*. A expressão da potência inicial se aprimora por meio do incremento da prudência, deixando de ser potência pura para adquirir um caráter mais ordenado (e talvez racional). Também dessa forma, parece ser possível dividir os acontecimentos de 1969, facilitando sua análise em etapas distintas. A primeira se refere à insurreição violenta no bar e às apropriações da fortuna pela *virtú* naquele espaço. Em um segundo momento, é importante que se examine como operou a *virtú* após os acontecimentos daqueles dias, pois também posteriormente ela teve um papel essencial para a caracterização da relevância desse evento histórico.

Mergulhando no primeiro recorte, a *virtú* se manifesta de forma inconsciente, ao menos para o indivíduo que a materializa. A negação de obedecer aos policiais. A recusa de entrar nas viaturas. De se deixar revistar. A inesperada ausência de dispersão. O desejo do

corpo de permanecer no espaço, resistindo⁵. O primeiro xingamento. E o segundo. Os gritos de orgulho e palavras de ordem: “Nós somos as garotas de Stonewall/ Nós usamos nosso cabelo em cachos/ Nós não usamos roupa de baixo/ Nós mostramos nossos pelos pubianos.../ Nós usamos nossos macacões/ Acima de nossos joelhos bixas!”⁶ (DUBERMAN, 1993, p. 368). O atirar da primeira pedra, do primeiro tijolo. Tudo isso sintetizou a *virtú* daquela coletividade, que em sua unicidade múltipla, apresentou a resistência inesperada: sua *virtú* era assumida com ares de fortuna.

Naquela noite, o bar estava mais cheio que o comum, engrossando a multidão que se revoltaria. Talvez este fosse o primeiro elemento da fortuna, posteriormente intensificado pela *virtú*: as pessoas presentes começaram a se dirigir para os telefones públicos na rua e a chamar mais de seus amigos para o local, ampliando os números da massa (HIRSHMAN, 2012, p. 98).

No desenrolar do conflito, mais uma vez a fortuna se posicionaria do lado dos transviados: os rádios de comunicação da patrulha policial pararam de funcionar naquela noite, algo que não havia acontecido antes (HIRSHMAN, 2012, p. 99; STONEWALL, 2010). Foi assim que a multidão LGBTI+ conseguiu encurralar os policiais dentro do bar, que tiveram que formar barricadas para se defender, sem meios de solicitar reforços. A situação prolongou a espera e sofrimento dos agentes. E também a resistência. Somente algum tempo depois chegaria a equipe de apoio, que novamente teria problemas em enfrentar a força virtuosa da multidão de transviados.

Ao chegar, a força tática de patrulha, equipe altamente treinada para tais situações, viu a multidão recuar, mas não se dispersar, como esperava. A multidão prolongou o confronto dando voltas no quarteirão e sempre se reunindo novamente diante da parede de escudos formados pelos agentes. E, assim, o grupo era desfeito e refeito por diversas vezes (DUBERMAN, 1993, p. 368; STONEWALL, 2010). Apenas algum tempo depois os policiais conseguiram limpar as ruas e dissolver a multidão. Mas não antes de se poder registrar na história aquela madrugada, na qual um exército de bixas, travestis, *drag queens* e sapatonas enfrentou as forças que lhes acometiam com violência diária.

Após essa primeira noite de acontecimentos, ativistas que estavam presentes se empenharam na produção de folhetos para disseminar pelas ruas o que havia ocorrido (DUBERMAN, 1993, p. 372). A *virtú* começava a assumir sua forma ordenada. Sem saber

⁵ Na linha de Butler (2018), uma resistência performativa de corpos unidos por sua condição precária.

⁶ Tradução livre de: “*We are the Stonewall girls/ We wear our hair in curls/ We wear no underwear/ We show our pubic hair.../ We wear our dungarees/ Above our nelly knees!*”.

que os acontecimentos se repetiriam. Naquela noite de sábado, dia 28 de junho de 1969, milhares de pessoas compareceram, novamente, ao *Stonewall Inn*. O confronto com a polícia se repetiu. Os agentes da força tática, embora já preparados, foram surpreendidos pelo grande número de indivíduos e mais uma vez retardados no processo de dispersão da multidão, que se utilizou das mesmas estratégias da noite anterior (DUBERMAN, 1993, p. 373-75).

Passada a agitação do momento, mais uma vez a *virtú* prudente precisaria agir para tornar *Stonewall* o marco que ele é. Aqui, temporalidade e *virtú* começam a se confundir. Elizabeth Armstrong e Suzanna Crage (2006, p. 730-35) demonstram que diversos eventos que compartilhavam algumas similaridades com a Revolta de *Stonewall* já haviam acontecido antes (e também aconteceriam depois), sem ganhar a mesma notoriedade. E não se pode interpretar senão como virtuosa a decisão de se estabelecer uma marcha de comemoração aos eventos de *Stonewall*.

Desde 1965, era realizada uma demonstração anual, apoiadas pela *Mattachine Society* (proeminente organização LGBTI+ da época) de diversas cidades, no dia quatro de julho, denominado de “*Annual Reminder*” (“lembrete anual”). O evento, celebrado no mesmo dia que marca a independência dos Estados Unidos, acontecia na cidade da Philadelphia, com o intuito de dar destaque ao fato de que transviados ainda não possuíam seus direitos básicos garantidos. Assim, os manifestantes se reuniam no hall da independência da cidade, utilizando vestimentas conservadoras e sóbrias, também com a intenção de transmitir a imagem de que se tratavam de seres humanos, como todos os demais (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 736).

Em 1969, a manifestação ocorreu cerca de apenas uma semana após os eventos de *Stonewall*. A partir de então, ativistas tiveram a ideia de alterá-la de lugar e de data: realizar a comemoração no mês de junho e na cidade de Nova York, em memória aos acontecimentos de *Stonewall*. Também o estilo e espírito do evento se alteraram, o clima sóbrio sendo substituído por verdadeiras expressões de orgulho e afirmação das existências gays, lésbicas, bis e trans na esfera pública. Assim, já em 1970, a manifestação contou com milhares de pessoas nas ruas de Nova York e de outras cidades dos Estados Unidos. Algo que se repetiria anualmente, tomando o mundo, naquilo que veio a ser conhecido como a Parada do Orgulho LGBTI+, comemorada até os dias de hoje no mês de junho, em referência a *Stonewall* (HIRSHMAN, 2012, p. 124-27).

Como vimos, a *virtú* e a fortuna, assim como o uso das armas, tiveram um papel crucial na construção da efetividade de *Stonewall* enquanto um marco histórico. No entanto, esses elementos isolados talvez não fossem suficientes, caso ausente a influência crucial que a

temporalidade e as manifestações do tempo tiveram nas ocorrências daquela noite e nos eventos que a precederam e que a seguiram.

4 A REVOLTA PROPÍCIA E A APROPRIAÇÃO DO TEMPO

O tempo teve um papel central para o desenvolvimento e efetividade da Revolta de *Stonewall*, em diversas dimensões. A temporalidade estabeleceu aquela madrugada como o momento propício, conjugando todas as condições necessárias para a efetividade de revolta.

Importante no pensamento maquiaveliano, a ideia de mutação “é um incessante movimento, aquele ao qual assiste, uma absoluta precipitação da história” (NEGRI, 2015, p. 40-41). A mutação é geradora de eventos históricos, como *Stonewall*, e, ao mesmo tempo, estruturada e estruturante do tempo histórico. Nesse sentido, mutação e tempo se relacionam invariavelmente, ora se conjugando, ora se estranhando. E, assim, o tempo, polivalente e versátil, constitui nossas vivências no mesmo ato em que é por elas constituído.

Do mesmo modo, a profundidade da mutação pode caracterizá-la como o princípio (NEGRI, 2015, p. 42). Profundidade entendida em termo de intensidade e mudança, eis que a lógica do tempo se comporta de maneira elástica nos momentos de mutação, não importando tanto sua percepção objetiva, de maior ou menor duração, mas apenas subjetiva (cuja curta duração pode ser prolongadíssima). É o que pode ter ocorrido em *Stonewall* e que levou à sua caracterização, equivocadamente, como momento de constituição do movimento LGBTI+, como se a existência desse próprio movimento não fosse um pressuposto para a materialização da Revolta. De todo modo, a mutação dificulta o retorno ao estado de normalidade anterior e o tempo é imprescindível para ditar o ritmo de suas transformações, atuando como verdadeira substância do poder (NEGRI, 2015, p. 43).

De fato, em muitos momentos, e principalmente nos *Discursos* (MAQUIAVEL, 2007), o autor florentino está preocupado com as formas de se frear ou se resistir às mutações, para a manutenção de uma estrutura próspera de governo. Todavia, aqui nos é especialmente importante a ocorrência da mutação, percebida a partir de *Stonewall*, e seus efeitos. O que não parece, de tudo, contraditório com o pensamento maquiaveliano – ainda que Negri (2015, p. 58) pareça sugerir o contrário –, eis que o exercício da mutação, por meio da desunião, parece em muitos momentos necessário para que se ajustem os rumos que se seguiam.

Naquele junho de 1969, muitos foram os fatores de temporalidade que contribuíram para os acontecimentos destacados. A começar por sua localização no tempo: o fechamento da década de sessenta. Naquele momento, as tensões causadas pela Guerra Fria eram

perceptíveis. Os discursos de vitória próxima no Vietnã se desfaziam diante da realidade fática. A brutalidade policial contra manifestações pelos direitos civis do povo negro parecia aumentar. E o assassinato de Martin Luther King Jr., em 1968, ascendeu ainda mais o espírito combativo do movimento. Como aponta Duberman (1993, p. 310), “essa escalada febril deu ânimo àqueles na esquerda que acreditavam que a confrontação era um precursor necessário de mudanças substantivas”⁷. A proximidade com esses acontecimentos e sua relação com a nova esquerda (*new left*) fez diferença para o desenrolar de acontecimentos (ARMSTRONG; CRAGE, 2006, p. 728). Assim, assentava-se o contexto propício de estímulo a reações violentas também do povo transviado.

No contexto localizado da cidade de Nova York, era tempo eleitoral. Mais um elemento de temporalidade essencial aos acontecimentos. Na tentativa de se reeleger, o prefeito da cidade se empenhava em cumprir seu discurso de “limpar” as ruas e bares da cidade, adotando uma ofensiva maior contra bares gays e estabelecimentos dominados pela máfia. Desse modo, intensificaram-se as batidas (e fechamento) de bares gays da cidade, tendo ocorrido uma operação, inclusive, no próprio *Stonewall Inn*, alguns dias antes, em 23 de junho (HIRSHMAN, 2012, p. 98). *A virtú se sobressai nos tempos difíceis!* (MAQUIAVEL, 2007, p. 374-75).

E novamente o transcurso do tempo atuou na madrugada do dia 28. Segundo os relatos, as batidas policiais costumavam ocorrer sempre no início da noite. Assim, conseguiam realizar a ação de repressão que almejavam, mas sem que se interferisse demasiadamente nas atividades do estabelecimento, que podia seguir com seu funcionamento madrugada adentro. Contudo, naquele dia, os policiais chegaram ao *Stonewall Inn* já por volta de uma e vinte da manhã. Momento em que o bar já estava repleto de frequentadores (STONEWALL, 2010). A hora escolhida pela força policial para ir até o bar parece ter tido um papel crucial para o sucesso da resistência transviada. Isso porque, como vimos, o número de pessoas maior que o usual, naquela noite, foi essencial para a efetividade da oposição oferecida pelos frequentadores do local. Uma batida realizada mais cedo talvez transcorresse da mesma forma que as dezenas anteriores que *Stonewall* já havia presenciado.

Em seguida, a *virtú* da multidão no controle da temporalidade se mostraria, também, marcante para a definição das ocorrências daquela noite. Apropriou-se, o povo transviado, do tempo, conduzindo, em seu ritmo, a resistência por horas a fio. Se a temporização, em certos momentos, pode ter o papel de aplacar os males, também ela opera na persistência da mutação

⁷ Tradução livre de: “This fevered escalation gave heart to those on the left who believed that confrontation was a necessary precursor to substantive change”

(MAQUIAVEL, 2007, p. 104-05). A duração inédita e prolongada daquela oposição à força policial permitiu a cristalização da mutação que começava a se operar, a partir da potência das pessoas LGBTI+ ali presentes. Ainda mais: a insistência na noite do dia 28, transformando a revolta em um ato contínuo com duração de dias, possibilitou que a mutação, até então apenas processo, concretizasse-se em produto. Também não souberam as forças contrárias se adaptarem às variações do tempo (MAQUIAVEL, 2007, p. 351-52). Precipitava-se o evento histórico que marcaria toda a linearidade do movimento LGBTI+.

Por fim, a prolongação do tempo cumpriu um último papel na definição da efetividade de *Stonewall*: a decisão de estabelecimento da comemoração anual dos acontecimentos, naquilo que primeiramente seria caracterizado como *Christopher Street Liberation Day* (em alusão à rua na qual estava localizado o bar) e posteriormente receberia a designação de Parada do Orgulho LGBTI+ (DUBERMAN, 1993, p. 386). Essa celebração constante, há já 50 anos, permitiu o alongamento de *Stonewall* pelo tempo, transformando-o em um ponto vivo na história. O que, mais uma vez, só ocorreu em virtude da conjugação de *virtú* e fortuna, unidas no momento propício maquiaveliano. Nesse sentido, Elizabeth Armstrong e Suzanna Crage (2006, p. 725, grifo meu) destacam que

explicar a comemoração de *Stonewall* é central para entender sua posição privilegiada na memória coletiva gay. *Stonewall* não foi o primeiro dos cinco eventos examinados a ser visto como comemorável por ativistas. Foi, no entanto, o primeiro evento comemorável que ocorreu em um tempo e espaço nos quais homossexuais possuíam capacidade suficiente para produzir um veículo comemorativo – isto é, aonde ativistas gays possuíam capacidade mnemônica. *O fato de essas condições terem sido conjugadas em Nova York em 1969, em oposição a outras cidades em tempos anteriores, foi o resultado de um processo histórico e político: tempo e espaço importavam.*⁸

Por todos esses elementos, *Stonewall* pode ser caracterizada como a revolta propícia. Pois somente essa conjugação específica de fatores, naquele tempo específico, poderia permitir sua efetividade e repercussão do modo que se deu. Remete-se, assim, à ideia maquiaveliana de momento propício. Desse modo, a espera do tempo que será oportuno é um elemento essencial da *virtú* na apropriação do tempo para que as empreitadas sejam bem-sucedidas (NEGRI, 2015, p. 44), eis que a falta de *virtú* ocasionaria o não aproveitamento do “tempo propício” e o desperdício da potência (NEGRI, 2015, p. 48). Sendo assim, foi a *virtú* coletiva do povo transviado – antes, durante e depois daquela madrugada – que permitiu a

⁸ Tradução livre de: “Explaining Stonewall commemoration is central to understanding its privileged position in gay collective memory. Stonewall was not the first of the five examined events to be viewed by activists as commemorable. It was, however, the first commemorable event to occur at a time and place where homosexuals had enough capacity to produce a commemorative vehicle — that is, where gay activists had adequate mnemonic capacity. That these conditions came together in New York in 1969, as opposed to in other cities at earlier times, was a result of historical and political processes: time and place mattered”, grifo meu.

apropriação, pela multidão LGBTI+, daquele momento propício, para transformá-lo em um ponto de mutação e evento marcador da história coletiva que inscreve singularmente cada lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo até os dias de hoje.

5 CONCLUSÃO

A revolução se faz de diversas formas. Por diversos atores. Sobrevalorizado ou não, *Stonewall* foi um evento revolucionário na linhagem histórica que marca o movimento LGBTI+. E para além de alterar somente a vida de transviados, impactou a todos. Principalmente aqueles que perpetravam – e continuam perpetrando – violências e discriminações contra esses indivíduos. Mas que encontram cada vez mais resistência.

Contudo, a relevância desse evento histórico foi construída dependente de uma conjunção de fatores temporais e espaciais específicos. Desse modo, o presente artigo procurou dar destaque a alguns desses fatores. Fez isso a partir de uma lente maquiaveliana, o que possibilitou o realce de três pontos cruciais para a compreensão da efetividade de *Stonewall*: a força das armas; a relação entre *virtú* e fortuna; e a percepção do tempo.

Nesse sentido, salientou-se como o emprego da força pelos transviados na fatídica madrugada de 1969 foi uma variável essencial ao sucesso da resistência oferecida. Do mesmo modo que foram imprescindíveis elementos da fortuna que se precipitaram naquele dia, aliados à potência virtuosa da multidão de pessoas LGBTI+. Por fim, diversos elementos temporais foram conjugados para possibilitar o êxito inusitado da reação de bixas, sapatas e travestis sobre o corpo policial. *Stonewall* com certeza não foi o início, mas tampouco foi o termo da revolução transviada. A luta continua, potente, até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A MORTE e a Vida de Marsha P. Johnson (documentário). Direção: David France. Produção: David France; L.A. Teodosio; Kimberly Reed. Roteiro: David France; Mark Blane. Estados Unidos: Netflix, 2017.

ARMSTRONG, Elizabeth A.; CRAGE, Suzanna M. Movements and Memory: the making of the stonewall myth. **American Sociological Review**, v. 71, p. 724-751, October 2006.

BENJAMIN, Walter. Critique of Violence. In: BULLOCK, Marcus; JENNINGS, Michael W. (eds.). **Walter Benjamin Selected Writings – Volume 1 (1913-1926)**. Cambridge: Harvard University Press, 1996. Disponível em: <https://criticaltheoryconsortium.org/wp-content/uploads/2018/05/Benjamin-Critique-of-Violence-1.pdf>.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAIN, Patricia A. **Rainbow Rights: the role of lawyers and courts in the lesbian and gay civil rights movement**. Boulder: Westview Press, 2000.

CARTER, David. **Stonewall: the riots that sparked the gay revolution**. New York: St. Martin's Press, 2004.

DUBERMAN, Martin. **Stonewall**. New York: Open Road Integrated Media, 1993.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HIRSHMAN, Linda. **Victory – the triumphant gay revolution**. New York: Harper Collins Publisher, 2012.

INTERNATIONAL LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS AND INTERSEX ASSOCIATION (ILGA); MENDOS, Lucas Ramon (Org.). **State-Sponsored Homophobia 2019**. 13ed. Geneva: ILGA, 2019. Disponível em: <https://ilga.org/state-sponsored-homophobia-report>.

INTERNATIONAL LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS AND INTERSEX ASSOCIATION (ILGA); CHIAM, Z.; DUFFY, S.; GONZÁLEZ GIL, M. **Trans Legal Mapping Report 2017: Recognition before the law**. Geneva: ILGA, 2017. Disponível em: <https://ilga.org/state-sponsored-homophobia-report>.

ilga.org/downloads/ILGA_Trans_Legal_Mapping_Report_2017_ENG.pdf.

LOUGHERY, John. **The Other Side of Silence - Men's Lives and Gay Identities: a Twentieth-Century History**. New York: Henry Holt and Company, 1998.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Penguin Clássicos Companhia das Letras, 2010.

NEGRI, Antonio. **O Poder Constituinte: ensaios sobre as alternativas da modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

NUSSBAUM, Martha C. **From Disgust to Humanity: sexual orientation and constitutional law**. New York: Oxford University Press, 2010.

STONEWALL Uprising (documentário). Direção: Kate Davis; David Heilbroner. Produção: Kate Davis; David Heilbroner; Mark Samels. Roteiro: David Heilbroner. Estados Unidos: First Run Features, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BcsX9Cg5iGI>.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

QUEER PEOPLE ALSO START REVOLUTIONS! A MACHIAVELLIAN READING OF THE STONEWALL RIOTS

Rafael Carrano Lelis

How to cite this article: LELIS, Rafael Carrano. Transviado também faz revolução! Um olhar maquiaveliano sobre a Revolta de Stonewall. **Revista de Ciências do Estado**. Belo Horizonte: v. 4, n. 2, e15170. ISSN: 2525-8036.

Abstract: the work conducts an analysis of the Stonewall Riots, investigating its occurrence, impact and developments. In this sense, question which factors led to the effectiveness of the Stonewall episode, considering both the uprising itself and its historical repercussions. Thus, applying literature review technique and a reconstructive approach, the historical event is reconstructed from secondary sources. Simultaneously, based on theoretical references provided by Machiavelli's work, historical facts are analyzed in an attempt to understand the singular characteristics that made its occurrence and effectiveness possible. Finally, it is concluded that it was the combination of specific elements of strength, virtù and fortune and temporality that covered the revolt of such importance, making it a milestone in the history of the LGBTI + movement worldwide.

Key-words: Stonewall Riots; LGBTI+ Movement; Machiavelli.